



## DO MASSACRE DOS GATOS AO FALSO MARIDO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ROBERT DARNTON E NATALIE DAVIS

Tiago de Moraes Kieffer<sup>1</sup>

Mestrando em História pela

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

### RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre parte da produção intelectual de Robert Darnton e Natalie Zemon Davis a partir da escolha de duas obras mais conhecidas de cada autor: *O Beijo de Lamourette* e *O Grande Massacre de Gatos* de Darnton e *O retorno de Martin Guerre* e *Nas Margens* de Natalie Davis. Com isso, buscamos elencar particularidades e semelhanças entre esses dois autores estadunidenses, com a pretensão de compreender uma parcela da chamada Nova História Cultural.

**Palavras-Chave:** Robert Darnton; Natalie Davis; Nova História Cultural.

### RESUMEN

El objetivo de este artículo es reflejar sobre parte de la producción intelectual de Robert Darnton y Natalie Zemon Davis a partir de la elección de dos obras más conocidas de cada autor: *El Beso de Lamourette* y *La Gran Masacre de Gatos* de Darnton y *El Retorno de Martin Guerre* y *En los Márgenes* de Natalie Davis. Con eso, buscamos elencar particularidades y semejanzas entre estos dos autores estadounidenses, con la pretensión de comprender una parte de la llamada nueva historia cultural.

**Palabras clave:** Robert Darnton; Natalie Davis; Nueva Historia Cultural.

## INTRODUÇÃO

una misma práctica historiográfica”  
(SERNA e PONS, 2013, p. 30).

Na obra *La História Cultural*, os espanhóis Serna e Pons (2013) defendem a existência de um *colégio invisível* entre os historiadores da chamada história cultural. O contexto da construção desse conceito, foi a tentativa de classificar os trabalhos que eram apresentados como de história cultural, mas que possuíam uma grande diversidade de temáticas e objetos, muitas vezes que não possuíam nenhuma ligação entre si<sup>ii</sup>. A conclusão que os autores chegaram é de que a história cultural “es aquello que hacen los historiadores que se reclaman o son reconocidos como tales” (SERNA e PONS, 2013, p. 28). Nesse sentido, identificaram determinados historiadores que foram decisivos para o campo a partir da década de 1970 e que se denominam como produtores de uma Nova História Cultural (NHC)<sup>iii</sup>. Essa análise feita por eles, certamente foi arbitrária, no sentido de ser inevitável a hierarquização de importância entre os autores (SERNA e PONS, 2013, p. 28). Para construir essa argumentação, Serna e Pons (2013) citam os historiadores Peter Burke, Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Natalie Zemon Davis e Robert Darnton como os nomes mais citados quando se fala em história cultural:

“a pesar de sus diferencias, de sus litigios y de sus controversias, algunas de las cuales son suficientemente conocidas, hay estos nombres una serie de afinidades, de rasgos compartidos que los hacen copartícipes de

A citação acima justifica a existência de um *colégio invisível* que nada mais é do que – segundo teóricos da sociologia da ciência – um âmbito do conhecimento onde se compartilham objetivos, ferramentas e referências teóricas comuns entre os investigadores que deles fazem parte, mesmo que estes sejam naturalizados e realizem seus trabalhos em localizações geográficas distantes (SERNA e PONS, 2013). Sem a pretensão de abarcar em poucas páginas reflexões que poderiam ser colocadas em série de livros, o presente trabalho tem por objetivo pensar questões relacionadas a dois membros desse chamado *colégio invisível*: Natalie Zemon Davis e Robert Darnton. Ambos nasceram e realizam seus trabalhos nos Estados Unidos da América (EUA), mas grande parte de seus escritos dizem respeito à Europa, especificamente a França na Idade Moderna e Contemporânea. 208

Portanto, na primeira seção faremos uma breve apresentação biográfica de Davis e Darnton, citando as principais obras e em que contexto foram escritas. Na segunda seção, focaremos na análise de suas obras mais conhecidas, isto é, *O Retorno de Martin Guerre* (1987) e *Nas Margens* (1997) (Natalie Davis), assim como do *O Grande Massacre de Gatos* (1986) e do *O Beijo de Lamourette* (1990) (Robert Darnton). Esses títulos foram publicados

originalmente entre as décadas de 1980 e 1990 e fazem parte de um contexto historiográfico em que “em vez da velha narrativa explicativa, preocupada com causas e origens, passou-se para uma nova narrativa, de curtíssima duração” (WEINSTEIN, 2003, p. 189). Por último, comentaremos as semelhanças e diferenças entre cada uma das obras e as contribuições dessas para a historiografia.

### **BREVE BIOGRAFIA: ENTRE MILITANTES E JORNALISTAS**

Em Detroit nos EUA, no interior de uma família de origem judaica, nasceu Natalie Zemon Davis no ano de 1928 (KIRSCHNER, 2013; PALARRES-BURKE, 2000). A condição abastada de sua família, permitiu que não conhecesse a pobreza durante a infância e adolescência. Sua posição social, contudo, não foi um empecilho para que no decorrer de sua trajetória, aproximasse-se das demandas políticas da esquerda da época. Davis é, sem dúvida, uma referência no que diz respeito à defesa da diversidade racial e da liberdade de expressão. Não foi por acaso que em 1948, já na Universidade de Harvard, Davis se apaixonou pelo matemático e militante de esquerda Chandler Davis, oficializando o casamento dois anos depois (PALARRES-BURKE, 2000).

Todavia, Chandler não vivia a mesma realidade de Davis. Em primeiro lugar, não era judeu. Somava-se a questão religiosa, o fato de

Chandler ser pobre. Essas duas características não agradaram aos pais de Davis, sendo possível a oficialização do casamento apenas após a fuga de Davis de casa quando tinha 19 anos. Os problemas, porém, não eram só de ordem familiar. O casal ainda sofria a perseguição política fruto do macarthismo americano da época. Por causa dessa política anticomunista, o casal teve seus passaportes confiscados e Chandler ficou preso até o ano de 1962. A partir daí, mudaram-se para o país vizinho, Canadá, onde já formados em suas áreas, receberam postos na Universidade de Toronto (PALARRES-BURKE, 2000). Nessa espécie de “exílio”, Davis concluiu seu doutoramento na Universidade de Michigan, título que garantiu 209 que lecionasse na Universidade de Berkeley entre 1971 a 1976 e na Universidade de Princeton entre 1978 e 1996 (KIRSCHNER, 2013).

A produção historiográfica de Natalie Davis a consagrou como uma autoridade no que se refere à história da França do século XVI, à história das mulheres e à história das camadas mais baixas da sociedade, sob a perspectiva da história vista de baixo. A maneira que Davis escreve é, apesar da complexidade do que defende, simples e acessível ao público-leitor não especializado. Em sua produção historiográfica, há os livros *Culturas do Povo* (1990) de 1975, *O Retorno de Martin Guerre* (1987) de 1983, *Nas Margens* (1997) de 1995, entre outros<sup>iv</sup>. O que se percebe facilmente, é a

transferência de uma influência marxista no primeiro estudo<sup>v</sup>, para uma tendência antropológica nos dois últimos (KIRSCHNER, 2013).

Em entrevista dada para Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2000)<sup>vi</sup>, Davis declarou que a sua militância, além das questões já tratadas, vai ao encontro da construção de uma vida acadêmica mais plural e democrática. Todavia, sua produção enquanto historiadora, segundo ela, não é fruto de uma agenda política pré-determinada. Seu papel como historiadora e militante, é definido da seguinte maneira:

Minha tarefa principal como historiadora é entender o passado, buscar o maior número de evidências possíveis, conferir minhas evidências e interpretá-las de modo a relacioná-las às questões propostas e ao material levantado. Mesmo nos meus tempos marxistas<sup>vii</sup> mais ativistas e engajados, nunca fui doutrinária e nunca deixei que a história fosse posta a serviço de qualquer doutrina. Achava o marxismo útil e sugestivo, mas já tinha, na época, um profundo respeito pelas evidências que encontrava, pelo que elas diziam (2000, p. 250–251).

Robert Darnton, por seu turno, teve uma trajetória menos “conturbada”. Nasceu na cidade de Nova Iorque no ano de 1939 e a questão mais difícil de sua trajetória – pelo menos daquilo que chegou para nós a partir de relatos e entrevistas – não foi de ordem política, mas profissional. Seu primeiro trabalho foi como jornalista, cumprindo, dessa maneira, a trajetória profissional que toda a sua família já havia trilhado como jornalistas do jornal estadunidense *The New York Times*. A área de atuação de

Darnton eram as investigações como repórter sobre os crimes e assaltos que aconteciam na cidade<sup>viii</sup>. Essa prática foi uma das impulsionadoras para o trabalho de historiador, pois o contato diário com arquivos policiais fez com que Darnton se apaixonasse pelos temas que investigava. Sobre a mudança do jornalismo para a história, profissão ligada às universidades, o historiador declarou ironicamente o seguinte: “[havia me tornado] a ovelha negra da família, pois iria me transformar nessa coisa meio ‘vergonhosa’: um professor universitário” (2000, p. 736). Essa “coisa meio vergonhosa” como professor universitário, na realidade, fez com que esse autor se transformasse na medida do tempo em um dos maiores especialistas da história da França, dos livros e das ideias. Coleciona títulos como *O Grande Massacre de Gatos* (1986), *Boemia Literária e Revolução* (1987), *O Beijo de Lamourette* (1990), *Edição e Sedição* (1992), *O iluminismo como negócio* (1996), entre outros.

Tanto Darnton, quanto Davis, são autoridades e referências obrigatórias nos assuntos nos quais se debruçam, pois, ambos tiveram experiências de vida que contribuíram, segundo eles, na interpretação que fizeram das fontes e dos teóricos que leram. Optar por privilegiar essas duas figuras nesse artigo, não se deve apenas a proximidade geográfica, mas também pelo referencial teórico que ambos utilizam. No momento de produção dos principais trabalhos, o antropólogo estadunidense Clifford Geertz foi uma referência

comum. Davis deixa claro que a utilização do teórico se dá por motivos meramente metodológicos (PALARRES-BURKE, 2000), enquanto Darnton possui uma influência mais direta e pessoal com esse antropólogo. Nos agradecimentos de *O Grande Massacre de Gatos* (1986, p. XI), Darnton escreve o seguinte:

Este livro nasceu de um curso, História 406, que venho dando na Universidade de Princeton desde 1972. Inicialmente, o curso era apenas uma introdução à história das mentalidades, mas acabou por se transformar num seminário de história e antropologia, graças a influência de Clifford Geertz que, há seis anos, ministra-o comigo, e, ao fazê-lo, me vem ensinando a maior parte do que sei sobre antropologia.

Em outro momento, em entrevista dada a José Murilo de Carvalho (2002), Darnton explica que o *Grande Massacre de Gatos* não é um livro “geertziano”, mas uma produção que se utiliza de diversos antropólogos para no final entregar um trabalho de caráter etnográfico. De qualquer maneira, ambos os historiadores estão inseridos na linha historiográfica que estava interessada em analisar mais a anedota do que a estrutura, haja vista que para eles a anedota era uma fração mais pura da realidade (WEINSTEIN, 2003). O interesse surge, tal como a micro-história italiana, como uma crítica às explicações estruturalistas em voga na época. Essa historiografia à moda americana, porém, é uma adaptação para a história da *descrição densa* de Geertz.

## **OBRAS: SOBRE O QUE ESCREVERAM E COMO ESCREVERAM?**

A primeira obra que iremos comentar foi considerado um “best seller acadêmico”, constituindo-se como essencial para o sucesso de Davis na década de 1980 (PALARRES-BURKE, 2000). Essa pesquisa foi uma novidade no mercado editorial, pois um livro foi adaptado de um filme, não o contrário. *O Retorno de Martin Guerre* foi pensado como um exercício para novas formas de narrativa e divulgação histórica. Nesse sentido, em 1982, dirigido por Daniel Vigne e estrelado por Gérard Depardieu, era lançado o filme homônimo ao futuro livro. Com o resultado final nas telas, Davis (1987, p. 10) **211** teve a seguinte conclusão:

Ao observar Gérard Depardieu representando o papel do falso Martin Guerre, surgiram-me novas ideias de como pensar o desempenho do verdadeiro impostor, Arnaud du Tilh. Senti que tinha meu próprio laboratório histórico que gerava, não provas, mas possibilidades históricas [...] Nosso filme era uma emocionante estória de suspense que mantinha o público tão incerto sobre seu final quanto os aldeões e juizes da época. Mas onde ficava o espaço para refletir sobre o significado da identidade do século XVI?

Como livro, *O retorno de Martin Guerre* foi publicado em 1983<sup>ix</sup>. Davis (1987, p.11) declara que: “as coisas que saíram mostraram-se muito mais difíceis do que eu imaginara – mas é um prazer relatar uma vez mais a história de Martin Guerre”. Mas afinal, qual história conta essa obra? Trata-se de um caso do sumiço de

Martin Guerre ocorrido na região de Languedoc na década de 1550. Camponês, casado com Bertrande de Rols, motivado por desentendimentos na família, Guerre sai de Languedoc e vai para a Espanha, retornando à região 8 anos depois. Retornou com a aparência diferente, o que não impediu a recepção positiva dos familiares e de sua esposa. Na medida que o tempo passou, discussões acerca de heranças familiares desencadearam novos conflitos. Dentre eles, a acusação de que o homem que havia retornado como Martin Guerre não era o verdadeiro. A acusação vai ao tribunal judiciário e diante de provas oferecidas pela comunidade local e por Bertrande de Rols, a justiça condena o falso homem à morte por falsa identidade (DAVIS, 1987).

O crime de falsidade ideológica nos dias de hoje pode ser visto como comum. O que impressiona no caso, contudo, é a aceitação da família e da comunidade local por tanto tempo. No Tribunal, em face das perguntas que o juiz lhe fazia, o falso Martin Guerre manteve certa segurança, não sendo incoerente em seus testemunhos no que diz respeito ao tempo anterior ao sumiço do verdadeiro Martin Guerre. No entanto, a prova de que o falsário, de nome Arnaud du Tihl, não pode fugir foi a chegada do verdadeiro Martin Guerre no momento do julgamento. O verdadeiro marido de Bertrand estava sem uma perna, devido ao serviço prestado ao Exército do Reino da Espanha (DAVIS, 1987).

A narrativa de *Martin Guerre* é fluída, com linguagem simples e sedutora. Sem dúvida, uma ótima história para um filme e um livro. O objetivo de Davis, no entanto, não se resume a contar uma história que se limite à anedota. Sua intenção com essa narrativa era pensar questões relacionadas a “formação de identidade e de relações de classe” (PALARRES-BURKE, 2000, p. 235) a partir de uma história que havia sido “recontada, ao longo dos séculos, em livros sobre impostores famosos e *causes célèbres*” e no tempo de escrita era ainda lembrada em peças e romances (DAVIS, 1987, p.9). Sidney Chaloub (2005, p. 4) possui uma definição mais completa sobre o objetivo do *Retorno de Martin Guerre*

212

Natalie Zemon Davis utiliza essa história para estudar a cultura popular camponesa, nos seus modos políticos de atuar em relação aos senhores, o modo de lidar com a questão da propriedade, da família, a proteção da propriedade familiar, e isso tem a ver com o falso Martin Guerre ser aceito como o verdadeiro.

Quase 12 anos depois, nasceu a obra *Nas Margens: três mulheres do século XVII*. Nossa edição é a de 1997, mas o livro foi lançado em 1995. *Nas Margens* possui um prefácio muito original em termos historiográficos, pois em vez de apresentar os motivos que levaram a escrever o livro, elencar as fontes e o referencial teórico-metodológico, Davis faz um diálogo entre ela mesma e as protagonistas do livro: Glikl bas Judah Leib, judia e comerciante de Hamburgo; Marie de L’Incarnation, ursulina em Tours; e

Maria Sibylla Merian, pintora e entomologista protestante de Frankfurt. Três mulheres com religiões e funções sociais diferentes, questionando-se o porquê de estarem juntas em um mesmo livro. A resposta de Davis (1995, p.12) é a seguinte: “Quis mostrar como cada uma de vocês escreveram sobre as relações com pessoas estranhas a seu mundo”. Davis (1995) realizou essa união em um mesmo livro de três mulheres diferentes para identificar a diferença causada pela religião e quais os limites e possibilidades ocasionados por ela dentro das relações de gênero, explorando exatamente aquilo que dá título à obra, isto é, “as vantagens que tiveram por se situarem nas margens” (DAVIS, 1995, p.13).

O primeiro capítulo é dedicado a personagem Glikl bas Judah Leib. O foco da análise são os escritos realizados por ela no final da última década dos Seiscentos. A situação social dessa judia é confortável, mesmo não fazendo parte da aristocracia da época. Nesse ponto, entra a questão de Davis (1995): identificar como uma judia, relegada à vida nos guetos, situava a si mesma nesse contexto. Através das autobiografias, percebe que Glikl casou bem jovem e participou ativamente nos negócios da família. Com a sabedoria adquirida nessa prática, Glikl pode, após o falecimento do marido, ter a autonomia para escolher o próximo esposo que estivesse ao encontro de seus interesses. Em relação às relações de gênero, Glikl se situava em um campo em que a língua

hebraica era de uso exclusivamente masculino, o que não a impediu de aprender o idioma, absorvido pela cultura oral e possibilitando dessa maneira a sua inclusão em uma cultura letrada.

A segunda personagem, Marie de l’Incarnation, também possui o relato biográfico como fonte privilegiada. No entanto, esse relato é escrito durante o período que Marie esteve no Canadá. O excepcional dessa personagem é a figura de mãe viúva que reconhecida de uma missão religiosa, deixa o filho na Europa e viaja para a América. O escrito, nesse caso, serviu como uma forma de relatar suas dificuldades e anseios, assim como, diante desses sentimentos, realizar a pregação moral e religiosa. Na ordem das Ursulinas, Marie tinha a convicção que havia nascido para ajudar aos índios. Nessa missão, encontrou a brecha que era possibilitada às mulheres pela religião.

Marie Sibylla Merian é a última das mulheres analisadas por Davis (1995). As fontes sobre Marie Sibylla não foram de caráter autobiográfico, haja vista que ela não havia deixado escritos em vida – ou pelo menos não havia chegado ao tempo que Davis pesquisou para o livro -, portanto foi necessário para reconstituir essa história outros tipos de fontes. Marie era uma protestante casada com um comerciante. Futuramente, por causa do trabalho em uma comunidade labadista, o casamento iria terminar. No entanto, a pressão religiosa nessa comunidade não agradou a Marie Sibylla. Famosa por seus trabalhos como artista e por

suas pesquisas sobre insetos, resolveu ir ao Suriname explorar a fauna e a flora daquele país. Um “ponto fora da curva” para as mulheres daquela época, pois sendo protestante, abandonou o marido, e sendo mulher, aventurou-se à exploração em outro continente como artista naturalista, atitude que ia de encontro a ideia de que nenhuma mulher respeitável, segundo Davis (1995), atravessaria o oceano sem a presença de um homem.

Como o *Retorno de Martin Guerre*, o livro *Nas Margens* elucida mais coisas do que a simples anedota. De casos particulares, Davis explora questões gerais, fazendo a relação entre indivíduo e o contexto em que ele está inserido. Rafaela Basso (2010, p. 210–211), alerta que

Mesmo que a preocupação central da obra de Natalie Davis seja mostrar as maneiras que essas mulheres encontraram para sobreviver nas margens da sociedade, não podemos chegar ao extremo de ver as mesmas como heroínas ou feministas *avant la lettre*: todas elas tiveram limitações próprias de seu tempo. Podemos propor que elas construíram suas visões de mundo alicerçadas numa cultura eurocêntrica, seja em termos de valores, costumes ou religiosidades [...] Podemos propor que a abordagem da história das mulheres de Davis está intrinsecamente relacionada à sua preocupação de entender as relações conflituosas que elas mantiveram com o mundo em que viveram, pois para a autora o modo mais elucidativo de se entender uma sociedade no passado é ‘estudando os profundos conflitos que existem entre as pessoas. Nestes, muito mais do que nas crenças que compartilham, me parece se encontrar a chave para a identificação de períodos e culturas’.

Já os livros selecionados de autoria de Robert Darnton, são na verdade, conjuntos de

ensaios escritos em épocas diferentes. O primeiro deles – e mais conhecido – foi o *Grande Massacre de Gatos e outros episódios da História Cultural Francesa* de 1986. O livro está dividido em capítulos, onde não necessariamente possuem relação temática direta entre si. O primeiro deles, diz respeito ao significado atribuído aos contos populares da *Mamãe Ganso*. O segundo, trata do caso que dá título ao livro, isto é, o massacre de gatos na rua Saint-Severin na França do século XVIII por camponeses indignados com a situação em que viviam. O terceiro, sobre a descrição dada por um burguês em relação ao seu mundo. O quarto, sobre um arquivo feito por um policial que tinha por função inspecionar o comércio livreiro. Os dois últimos capítulos são de análise mais teórica que empírica, pois no quinto analisa a chave epistemológica do iluminismo em relação à Enciclopédia e no sexto a ruptura da análise de Rousseau com os enciclopedistas.

Em linhas gerais, nas palavras de Darnton (1986, p.8), *O Grande Massacre de Gatos* “analisa as maneiras de pensar na França do século XVIII”. Além disso, buscar entender não só o “que”, mas “como pensavam”. Para isso, “em vez de seguir a estrada principal da história intelectual, a pesquisa conduz para o território ainda inexplorado que é conhecido na França como história das mentalidades” (DARNTON, 1986, p. 8)<sup>x</sup>. Nesse ponto, o autor é alvo de críticas pelo historiador Giovanni Levi (1999, p. 138) – um dos próceres do método da micro-

história italiana, mas um pouco distante do *colégio invisível* -, pois ele considera o trabalho de Darnton como uma “transposição mecânica para a história dos problemas nascidos na antropologia, na relação entre interlocutores vivos”. De fato, em muitos momentos a argumentação de Darnton (1986) deixa a entender uma aproximação geográfica e temporal que não existe, no que se refere a relação objeto/pesquisador.

Todavia, esse tipo de crítica não tira o mérito do trabalho de caminhar desde a cultura oral dos contos de fadas à cultura letrada dos iluministas. De refletir desde o mundo concentrado na fábrica ao mundo do burguês que vive seu período de ascensão social. Darnton (1986), utilizando-se da antropologia, não deixa de dialogar com a psicanálise para discutir questões freudianas nos contos de fadas e nas representações contidas no massacre dos gatos. Mostra também que as concepções do mundo e que as relações com os livros são fenômenos históricos, ou seja, possuem mutações no decorrer do tempo. Por esse motivo, considera importante que se estuda a maneira que as pessoas pensavam em períodos históricos diversificados.

Por último, o livro *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução* (1990) também é uma compilação de textos sem relação direta entre si. Dividido em cinco partes, isto é, *Tendências nos acontecimentos, Meio de Comunicação, A Palavra Impressa, Como*

*Andam as Coisas e Bons Vizinhos*, a obra é uma mistura de análise empírica com reflexões teóricas. A diversidade é tão grande, que o primeiro capítulo, homônimo ao livro, trata da Revolução Francesa - das mudanças no cotidiano das pessoas comuns que viviam na França da época – e o segundo sobre a Polônia do século XX e a relação que seus habitantes tinham com a história e a memória. A riqueza desses capítulos é que Darnton (1990) utiliza como argumentação detalhes que passariam despercebidos sem o olhar de um pesquisador atento, ou seja, traz à luz o nome das ruas, a mudança dos nomes das peças de xadrex, novos nomes nas pessoas no que se refere à atitude francesa de se desvincular do Antigo Regime. Sobre a Polônia, destaca que 215 havia uma disputa de memórias entre o que seria uma legítima memória polonesa e o que era a inclusão, a partir do contexto, de uma memória soviética.

A segunda parte, composta por quatro capítulos, dá a impressão de ser muito mais uma crônica jornalística, considerando-se a formação inicial de Darnton, do que efetivamente ensaios históricos. Isso porque esses capítulos são dedicados à relação da história com os meios de comunicação, discutindo questões relacionadas ao cinema, a televisão, ao jornal e as publicações científicas. O que está guiando Darnton (1990), é efetivamente a complexidade do funcionamento do mercado editorial, onde a linha é tênue entre o que é publicado por ser confiável e o que é publicado porque vende. Da terceira parte em

diante as reflexões caminham muito mais pelo viés acadêmico, refletindo entre a história da literatura e da leitura, da história social das ideias e pela sociologia do conhecimento.

## DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

A primeira característica que é comum às obras selecionadas é a linguagem utilizada. Esses historiadores possuem uma preocupação não só com o que é dito, mas como é dito. No caso de Davis (1987, 1997), suas histórias possuem uma estrutura que se aproxima muito da usada por romancistas, com a definição de coadjuvantes e protagonistas. Esse modelo narrativo, somado a escolha de um objeto a partir de uma anedota, chama a atenção do público-leitor que está fora dos muros da universidade, seja por um interesse histórico que poderá ser respondido a partir de uma leitura menos densa, seja pela paixão às histórias curiosas.

Ambos os historiadores também mantêm a preocupação com as classes mais baixas ou com os excluídos da história, apesar de Darnton (1986, 1990) avançar à cultura letrada e intelectual. Sobre isso, a entrevista que ele concebeu a Pallares Burke (2000) é bastante esclarecedora, pois considera que apesar dos camponeses e artesões não serem intelectuais, eram inteligentes, portanto a agência do indivíduo é central na sua obra, contraindo as teorias estruturalistas onde é raro aparecer o indivíduo.

Ambos se aproximam do interesse pelas questões simbólicas. Uma das características destacadas por Burke (2005, p. 10), é que o “terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações”. Justamente é essa questão do simbólico que revela a principal diferença entre os autores citados. A questão não se trata da existência ou não do simbólico em seus trabalhos, mas sim a compreensão que os personagens estudados possuem sobre o símbolo. No caso dos estudos de Davis (1987, 1997), temos a percepção que as ações dos indivíduos estão muito mais relacionadas com o improvável, com o subjetivo e com o inconsciente do que com uma percepção *apriori* das decisões tomadas. Sem ressalvas o leitor poderia se confundir de que realizamos a defesa de que os indivíduos em Davis estão presos a uma malha superior, quando na verdade, queremos dizer que ocorre um duplo movimento: uma reação subjetiva ao contexto imediato e ao contexto cultural em que os indivíduos estão inseridos. Em Darnton (1986, 1990), sobretudo no que diz respeito ao caso do parlamento e ao massacre dos gatos na rua Saint Séverin, temos a impressão que as ações das personagens são muito mais calculistas. Cada ação e reação são pensadas *apriori* e essas questões fazem sentido a todo um conjunto de regras simbólicas consciente aos indivíduos.

216

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras citadas neste artigo, mostram que a NHC, mesmo quando produzida por historiadores de uma mesma nacionalidade, possui uma variedade de abordagens e objetos. Se aumentássemos a reflexão para outros historiadores do denominado *colégio invisível*, ou mesmo fora dele, teríamos resultados ainda mais surpreendentes no que diz respeito as diferentes compreensões das fontes e das problemáticas. Mas, além das diferenças, conseguimos a partir da relação entre diferentes historiadores que se definem como pesquisadores de história cultural, perceber particularidades como o estudo do simbólico, das trocas, daquilo que não pode ser medido pela lógica material.

A NHC é rica exatamente por essa variedade, pois seus historiadores não possuem a pretensão de se fecharem em rótulos pré-estabelecidos. Dessa maneira, exercitam técnicas e teorias da própria história, obviamente, mas também de outras ciências como a antropologia e a sociologia, por exemplo. Mesmo assim, a NHC não está livre de críticas, pois sendo uma tendência que a cada ano mais se consolida, pode e deve ser questionada e aprimorada por novos historiadores que tenham interesse pela cultura.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Rafaela. A escrita da história de Natalie Davis no Livro Nas Margens. In: **Outros Tempos** v. 7, n. 9, p. 211-224, 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, José Murilo De. Dez perguntas feitas a Robert Darnton. **Topoi**, v.3, n.5, set., p. 389–397, 2002.

CHALOUB, Sidney. **O conhecimento da História, o Direito à Memória e os Arquivos Judiciais.** Porto Alegre: Memorial do TRT 4a Região, 2005, p.1–4.

DARNTON, Robert. **Boêmia literária e revolução:** submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DARNTON, Robert. **Edição e sedição:** o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios cultural francesa.** Rio de Janeiro: 1986.

DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio:** história da publicação “Enciclopédia” - 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo:** Sociedade e Cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens:** três mulheres no século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. Entre tradições e inovações, o percurso crítico de Natalie Zemon Davis. **Cultura Histórica e Patrimônio** v. 2, n. 1, p. 100–114, 2013.

LEVI, Giovanni. Os perigos do Geertzismo. **História Social** n. 6, p. 137–146, 1999.

PALARRES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história:** nove entrevistas. São Paulo: UNESP, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SERNA, Justo; PONS, Anacleto. **La Historia Cultural:** autores, obras e lugares. 2. ed. Madrid: Ediciones Akal, 2013.

WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. **História**, São Paulo v. 22, n. 2, p. 184–210, 2003.

## NOTAS

<sup>i</sup> Mestrando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Bolsista PROSUC/CAPES. Graduado em História pela Universidade La Salle.

<sup>ii</sup> Sobre a temática, faz-se importante a leitura do livro *O Que é História Cultural* de Peter Burke (2012). Nessa obra, Burke estabelece uma cronologia da história cultural em três fases: a grande fase “clássica”, entre 1800 e 1950, a fase da “história social da arte” a partir da década de 1970, a descoberta da “cultura popular” a partir de 1960 e a Nova História Cultural na década de 1970 e 1980. Já Sandra Pesavento (2005) em *História e História Cultural*, entre outras reflexões, apresenta os conceitos de

*representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidade*, categorias chaves para se compreender o campo da história cultural que se fazia naquele momento, segundo ela.

<sup>iii</sup> Segundo Peter Burke (2005), o termo Nova História Cultural é popularizado no livro homônimo de Lynn Hunt em 1989. No entanto, os textos publicados nesse livro foram escritos ainda na década de 1980 na Universidade da Califórnia “em Berkeley, sobre ‘História francesa: textos e cultura’ (2013).

<sup>iv</sup> O ano das edições dos títulos consultados foram colocadas entre parênteses.

<sup>v</sup> Os estudos de Davis também foram influenciados pela tendência historiográfica que nascia com a nova esquerda inglesa, representada principalmente por E.P Thompson, onde a história começou a ser vista de baixo, ao invés de se preocupar com as elites (KIRSCHNER, 2013).

<sup>vi</sup> Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2000) em *As muitas faces da história: nove entrevistas*, conversa com os seguintes pesquisadores: Jack Goody, Asa Briggs, Natalie Zemon Davis, Keith Tomas, Daniel Roche, Peter Burke, Robert Darnton, Carlo Ginzburg e Quentin Skinner.

<sup>vii</sup> Quando Pallares-Burke pergunta sobre o engajamento de Natalie Davis, ela responde que com o tempo seu engajamento político foi se modificando (2000).

<sup>viii</sup> Segundo Darnton “meu treino como jornalista foi adquirido em delegacias de polícia: primeiro em Newark, cidade violenta de Nova Jersey, e, depois, em delegacias de várias partes de Nova Iork, como Manhattan, Queens e Brooklyn” (PALARRES-BURKE, 2000, p.737).

<sup>ix</sup> A edição que utilizamos é a do ano de 1987.

<sup>x</sup> Nesse ponto se percebe o quanto a definição de história cultural é complexa, pois Darnton (1985), na falta de uma tradução adaptável para o inglês do termo *mentalidade*, define que “poderia simplesmente ser chamada de história cultural; porque trata nossa própria civilização da mesma maneira como os antropólogos estudam as culturas exóticas” (DARNTON, 1985, p. 8).

Recebido em: 09/03/2018.

Aprovado em: 26/04/2018.

Publicado em: 31/08/2018.